

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACÕES



Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRETOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105 - Telef. 2 1622 - LISBOA

Os ADUBOS da
Sociedade de Anilinas
são os que garantem uma
boa produção

Os OLEOS
Gargoil Mobiloil
são os que dão uma mais perfeita
lubrificação.

Para um carro andar bem
calçado preferam PNEUS

ROYAL ou DUNLOP

Agente na Vidigueira

José F. Polvora Barradas

**João Manuel Palma
SERPA**

Produtor e fabricante de azeites,
pelos processos mais modernos

Francisco Romão Tenório
Herdade da Figueira de Cima

Creador de muares de raça seleccionada,
e de gado cavalariço, bovino, suíno, lanígero e caprino.
Produtor de toda a qualidade de cereais

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos
ARRONCHES

HERDADE DA GRAMICHA

DE
Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suíno, lanígero, azinino e caprino
Produtor de cereais, lãs, azeites e queijos

ELVAS

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»
(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsídios de 5, 10, 15
e vinte mil escudos

A mais sólida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

Ramiro & Irmão, L. da

Moagem de Cereais
e Debulhas á Máquina
Aldeia dos Fernandes CASTRO VERDE

Joaquim Patricio da Cruz

Produtor de cereais

Fábrica de farinha em rama

S. Luiz

ODEMIRA

BREVEMENTE

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIÁRIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegrafico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

“JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadistica, Abertura de Cambios, etc.*

A começar no 1.º numero:

Ártigas: Trabalho inédito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Uruguai, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o “**Jornal do meio-dia**”

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais** Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:

Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa

Vida Alentejana

SEMANÁRIO AGRÍCOLA, PECUÁRIO, TURÍSTICO E DE COTAS

Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção e Administração:
Calc. da Gloria, 25, 2.º — Telef. 2 1044 — LISBOA
Tipografia — RUA DA ROSA, 105

O TRIGO

Um decreto que sacrifica os produtores em 4 %.

O «Diário do Governo» publicou precedido de vários considerandos, o decreto seguinte:

«Artigo 1.º Os encargos que normalmente devem resultar do excedente de cada colheita de trigo serão suportados por essa colheita e distribuídos pelos respectivos produtores na proporção do valor da parte vendida por cada um. Parágrafo 1.º A Federação Nacional dos Produtores de Trigo deduzirá nos pagamentos a efectuar, por conta da colheita de 1934, a percentagem que lhes competir, em conformidade com o disposto neste artigo; parágrafo 2.º A mesma percentagem será lançada a débito dos produtores que já receberam por inteiro o preço do trigo da colheita de 1934 para ser deduzida na importância que houverem de receber pelos trigos da colheita de 1935. Parágrafo 3.º O Governo tomará as providências necessárias para assegurar o pagamento da cota parte que pertencer aos que tiverem deixado de ser produtores de trigo.

Art. 2.º A construção de celeiros para a F. N. P. T. poderá efectuar-se em regime de comparticipação, nos termos do decreto n.º 21.699, de 19 de Setembro de 1932.

Art. 3.º A direcção da F. N. P. T. poderá, com a aprovação do ministro da Agricultura, contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência um ou mais empréstimos, até ao limite de escudos 15.000.000\$, para aplicar na construção de celeiros.

Art. 4.º A direcção da F. N. P. T. fica autorizada a cobrar, para ocorrer ao empréstimo ou empréstimos referidos no artigo anterior e durante a sua vigência, uma taxa de \$00(5) por mês e por quilograma de trigo de produção continental e das colheitas futuras que venha a ser armazenado pela F. N. P. T. Pará-

grafo único. A taxa criada por este artigo será adicionada, para efeito da sua cobrança, ao diferencial de \$01 por quilograma e por mês estabelecido na tabela de preços.

Art. 5.º O produto da taxa será consignado ao empréstimo ou empréstimos, não podendo aquela ser reduzida sem acôrdo da credora consignatária. Parágrafo único. A sua cobrança porém, pode ser efectuada por qualquer outra forma determinada pelo Governo.

Art. 6.º As fábricas de moagem são obrigadas a receber e a conservar uma existência permanente em trigos até ao limite de 100.000.000 de quilogramas que serão distribuídos em proporção das cotas de rateio de cada uma.

Parágrafo 1.º Aos trigos distribuídos nos termos deste artigo é aplicável o regime jurídico estabelecido nos artigos 10.º e 11.º do decreto-lei n.º 24.688, de 27 de Novembro de 1934.

Parágrafo 2.º A falta de cumprimento do disposto neste artigo é considerada como recusa de recebimento de trigos para o efeito do disposto no artigo 5.º do mesmo decreto n.º 24.688».

A propósito deste decreto e no extracto da Assembleia Nacional diz-nos o «Diário de Lisboa»:

Falou a seguir o sr. Joaquim Lança que se referiu à publicação do decreto que visa a regularizar o mercado de trigo no continente.

O orador lembrou que ocupa há dois anos o cargo de director dum sindicato agrícola e fez justiça às intenções do governo. Acrescentou entender que o decreto ontem publicado não satisfaz em absoluto o problema e terminou por dizer que espera que se publiquem novos diplomas que dêem satisfação às justas reclamações que o problema tem suscitado.

Uma nota explicativa

A F. N. P. T., mandou para os jornais a seguinte nota explicativa:

«Com a publicação do decreto-lei n.º 25.126, de 13 de Março corrente, ficou a produção trigueira a obrigação de suportar dentro de cada colheita os encargos havidos na passagem para o ano imediato do excedente que dela resultar.

Conforme o relatório do mesmo decreto, esses encargos para a colheita de 1934-1935, serão os seguintes:

O último manifesto indicou para venda 548.000.000 quilos, e as sobras de trigos existentes nas Moagens, á data do início da presente campanha, eram cerca de 90.000.000 quilos, que acrescidos de 10.000.000 quilos, que se julga ser as sobras de sementeira, perfaz 648.000.000 quilos.

Calculado o consumo em 348.000.000 quilos, encontra-se um excedente de cerca de 300.000.000 quilos, cuja desvalorização importa em 35.355.000\$00.

Como a importância a cobrar é rateada pelos 548.000.000 quilos manifestados acrescidos dos 10.000.000 quilos previstos de sobras de sementeira, ou seja sobre quilos, 558.000.000 conclui-se, tomando por base os números indicados naquele diploma que será de 4 por cento sobre o valor do trigo, a percentagem a aplicar, o que equivale a cerca de seis centavos por quilo».

Durante a última semana, a Federação Nacional dos Produtores de Trigo adquiriu e pagou a 1.962 pequenos produtores 1.464.464 quilos de trigo no valor de esc. 2.179.535\$05.

Em regime de Warrantagem efectuar-se 105 descontos sobre 2.069.504 quilos de trigo no valor de esc. 2.060.504\$00.

Desde o início da presente campanha — 30 de Junho de 1934 — adquiriram-se 251.530.038 quilos de trigo a 118.821 pequenos produtores, pagando-se por esta aquisição esc. 364.723.677\$10.

Em regime de Warrantagem efectuar-se 3150 descontos sobre 182.861.212 quilos de trigo no valor de 182.861.212\$00.

Jornal do meio dia

Recebemos uma gentil oferta.

O posto C. T. 1 D. R. (Rádio Graça) anunciará dias antes o aparecimento do *Jornal do Meio Dia*.

No futuro este posto transmitirá em nome do nosso jornal as notícias dignas de serem radiodifundidas.

Começamos hoje a publicar os nomes dos nossos amigos que nos querem honrar com as suas assinaturas para o *Jornal o meio dia*.

Srs. Capitão Manuel Martins dos Reis, dr. Ernesto Subtil (Portalegre), Fernando Ramos de Oliveira, Otávio Lucio Fernandes da Piedade, D. Egilda Prado Nobre Falcão (Odemira) dr. Albano Garcia (Monchique) D. Ernestina Moreira Matos (Ermidas) José Julio Brito Pais Falcão; Adelino Gonçalves (Elvas) Joaquim da Silva Brito Pais (Montenegro) Antonio Gonçalves, Armando Gonçalves e José Mendes (Elvas); José Alho e Afonso José da Fonte (Beja); António Blanco Fialho; casa Blanco Fialho (Barrancos); José Diogo Pais (Avis) João Nunes Sequeira (Santo António das Areias); Manuel Elias Martins, José Elias Martins e Joaquim Elias Martins (Portalegre); José Francisco Lopes (Arronches); Luiz António Passanha Pereira, (Ferreira do Alentejo); Francisco Carlos, Joaquim Pires Ventura e Julio Batista Manso (Porta da Espada) António Fernandes da Mota (Beirã) dr. José Frausto Basso e Francisco Ribeirinho (Niza); dr. Ramos Pinto; José Alexandre Ruas (Odemira); Joaquim José de Carvalho e João Brito Algarvio (Ponte de Sôr); Associação Comercial de Beja; Francisco da Silva Carneiro Rasquilha, António Lobão Rasquilha e José da Silva Telo Rasquilha (Santa Eulália); Cesar de Miranda (Odemira) António Pedro Silveira Bagulho, Joaquim Corado Caldeira, (Elvas) Domingos Aguiar Serra, Francisco Rasquilha Corado e Agnelo Minas Mocinha (Campo Maior) José Francisco Serrano (Abrantes), António Guerreiro (Amadora), Joaquim Patricio (S. Luiz) Izidro Martins Faria (Beja). Francisco Romão Tenório e António Joaquim Manuel (Arronches), José Passanha Pereira (Ferreira do Alentejo), António Temudo Sequeira, Matias de Andrade Sequeira e João Ribeiro Barriga (Alpalhão) António Vasques Garcia (Barrancos); Francisco da Graça Godinho (Ervidel); José Feliciano de Carvalho, (Beja); dr. Guilherme de Moura Neves (Abrantes); Pompeu Frausto Corado Caldeira, Joaquim Guilherme de Vasconcelos de Azevedo e Silva, dr. Julião de Abreu, António Amaro Tenório Rente, José Rente e José António Pinheiro Junior (Elvas). Manuel Marques Carneiro e Raul Carvalho (Galveias); Francisco António Cardoso (Benavila); José Guerreiro Faleiro, (Castro Verde); João Manuel Rodrigues, André da Conceição dos Santos, Manuel Maria Sampaio (Beja); José Manoel Pacheco, (Santa Victoria); António Pedro Nunes (Quintos); Joaquim Manuel Peste (Albernôa); António Manuel Sampaio Junior (Ervidel); António da Graça

Morais (Beja) José Vaz Montes Palma, António Manuel Montes Palma e António Manuel Gonçalves Brito (Cabeça Gorda) dr. Manuel Vicente de Abreu e dr. José Pinto Bagulho (Elvas) José Simões Paquete (Evora); dr. José Martins Mira Galvão (Beja; Francisco da Cruz Louro; Dr Rui de Andrade, dr. José Faria Teotonio, Jacinto Manuel Faleiro, (Castro Verde); Tomás Ramos Ramos (Ervidel); José Francisco Pereira, Francisco António do Rosário, Manuel Romão Sobral, José de Brito Camacho Fernandes, (Aljustrel); Alvaro Romano Colaço (Castro Verde); José Pinto Guerreiro, (Messejana); Manuel Romão de Brito Coelho, Manuel Coelho Fernandes (Aljustrel); Francisco António Colaço, António Francisco Romano Colaço (Castro Verde); Luiz Dias Duque (Lisboa); José João Baltazar (Castro Verde); João

Manuel Palma, Manuel Jacinto da Cruz (Serpa); Francisco António da Silva, (Ervidel); Joaquim Inácio Madeira, (Beja); António Mendes Palma (Quintos); José Manuel Marques (Albernôa); Francisco dos Santos Barrocas (Beja); Manuel Loureiro Potes (Avis); José da Silva Matoso (Alcorrego); Casimiro Nunes Leão (Avis); Boaventura da Silva (Figueiras de Barros); Francisco Pais Dordio (Ervidel); Joaquim dos Ramos Loureiro (Alcorrego); António da Cruz Cavaco (Quinos); António Narciso Oliveira (Santa Luzia) e Francisco das Neves Fialho Tojo (Portel). Carlos Pereira Mendes (Souzel), António Justo Teles, (Casa Branca).

Os Sindicatos Agrícolas que já nos deram a sua franca adesão são os seguintes: Elvas, Beja, Moura, Serpa, Aljustrel, Castro Verde, Avis, Nisa, Arronches, Monforte e Fronteira.

Justa homenagem

A corporação da Polícia Cívica de Portalegre prestou há dias uma justíssima homenagem ao seu comandante Tenente Manoel Carpin-

Portalegre grangeado a estima não só da corporação que dirige proficientemente mas de toda a cidade que vê nele a autêntica autoridade



teiro, a que nos queremos associar com todo o nosso entusiasmo.

O homenageado, é um oficial com um carácter ímpoluto, fiel cumpridor dos seus deveres, e que tem, em

que constitui a garantia da ordem.

Daqui abraçamos o nosso querido amigo e honrado oficial do exército português.

A Lavoura e as Casas do Povo

Foram erreflectidas as informações dadas ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Oliveira Salazar
— Algumas considerações sôbre o momentoso assunto

O grande jornal «O Século» publicou há dias um editorial sob o título «Egoísmo Criminoso» a propósito dos informes dados ao Ex.^{mo} Presidente do Conselho, de não ser voluntariamente paga por todos os contribuintes a quota estabelecida por lei para as «Casas do Povo». Apesar das suas passagens duríssimas, a doutrina expandida nesse artigo, seria sublime, se não tivesse a deminuir-lhe valor o facto de terem sido tendenciosas ou irreflectidas as informações dadas a S. Ex.^o o Presidente do Conselho, pois como será fácil constatar consultando as respectivas Direcções de aquelas Casas, ninguém medianamente remediado ou instruído tem deixado de pagar essa contribuição.

Em todas as épocas e todas as classes, houve sempre obscuros a quem não é fácil de uma assentada fazer compreender as necessidades sociais, a que têm de acudir os que alguma coisa possuem, em benefício dos que só vivem do favor público ou do produto do seu trabalho. Só êsses certamente, se tem escusado ao pagamento voluntário dessa simpática contribuição, e o maior número resultará da causa de estar isento dêsse encargo todo o pequeno proprietário duma porção de terreno, que longe de representar benefício para o seu viver constitua o seu constante pesadelo para o manter, dados os encargos tributários e onerantes. E se muitos contribuintes mais remediados, não têm excedido o pagamento mínimo imposto devemos buscar lealmente todos os factores que para isso concorrem.

Em primeiro lugar, trata-se de uma contribuição «mensal» e por freguesias, por isso proprietários há que têm de pagá-la nas diferentes freguesias onde têm propriedade e não sómente onde residem ou exercem a indústria do cultivo da terra. Assim, é mais um encargo para êles, que em muitos casos passam vida atribuladíssima para viverem e manterem o que possuem.

A propriedade em regra, tem um valor sobremodo exagerado nas matrizes prediais, pelo que paga contribuição em muitos casos, incompatível com o seu valor real e os seus rendimentos, crescendo, há

o imposto pessoal de rendimento, e se é explorado directamente, os múltiplos acessórios de despesas quasi impossíveis de inumerar.

O pequeno proprietário não é pois um remediado; tem de trabalhar para lhe não ser levado pelo fisco o insignificante património herdado ou reunido, pois que, sem o factor «trabalho e economia» não consegue equilibrar-se.

Tratando-se de lavradores, o cálvário não é menor; se num ou noutro ano obtêm produtos remuneradores, sofrem as contingências de anos calamitosos como acontece no que vem decorrendo, em que os gados são dizimados por falta de pastagens, e se torna preciso dispendir para os manter e tentar salvar, tanto quanto êles valem e mais do que normalmente produzem. Ficando apenas sujeito ao rendimento das searas, raramente têm probabilidades de reunir reservas tantos e tão variados são os seus encargos!

Entre outros citaremos o do seguro do pessoal que emprega; eu por exemplo, pago por êsse seguro 3.893\$35 — «três mil oitocentos e noventa e três escudos e trinta e cinco centavos» — quem desejar certificar-se compulsa a apólice n.º 12.112 da C.º Comércio e Indústria. Quem beneficia dêsse sacrificio? o pessoal rural que emprega, para quem se instituiu essa previdência em casos de desastre no trabalho, sem dúvida uma das maiores assistências sociais.

Não estava pois desprovido de protecção o pessoal rural, e com a instituição das Casas do Povo, do Cooperativismo, ficava em relativas condições de vida despreocupada, conjuntamente se lhe demonstrasse a conveniência de trabalhar sem interrupções sempre que possa e tenha em que ocupar-se no que fôr seu ou alheio; e de economizar, amealhando quanto possível, convencido dessa outra necessidade. Esse problema é que vem sendo lamentavelmente descurado em principio; não há em regra, no trabalhador a noção da conveniência associativa, desconhece as rudimentares regras da economia, dispende em conformidade com os proventos do seu trabalho, sem temer que êste lhe falte ou a doença o surpreenda.

Para êle tudo se resume em supor que quem através de todos os sacrificios alguma coisa conseguiu reunir para seu património e dos filhos, venha a ser o responsável por toda a série de infelicidades e de irreflexões. E como êle pensará muita gente, que não queira aperceber-se ou convencer-se de que as causas originárias dessas faltas, são resultantes de se não privarem nas devidas proporções, de gastar supérfluos em espectáculos públicos e em apresentações ou regalias incompatíveis com os seus proventos, sem o necessário receio de lhes faltar para o dia imprevisito do amanhã. Todos os incentivos e propaganda nesse sentido, seria de um benefício salutar, na época de desvarios que passa, sem que seja possível profectizar qual será o seu fim.

A reforçar êste critério há um nobre exemplo a apontar e a seguir — o viver modesto e sobremodo bem orientado do Grande Estadista, Ex.^{mo} Presidente do Conselho, que não obstante o seu enorme feito de engrandecer e redimir a Pátria, se não nota em S. Excelência espirito de vaidade, dando-nos o exemplo brilhantissimo de parcimonia no viver, de economia a imitar, de orientação necessária e precisa para se levar a bom caminho a situação geral do País e a particular de cada um.

Afastarmo-nos dêstes dilemas sem tentarmos resolvê-los como é preciso, preparando-nos sempre para épocas piores, não será o melhor critério nem redundará em benefício de ninguém, pôsto que a ninguém aproveita a insensatez.

JOSÉ MENDES

(Lavrador em Elvas)

Em Lisboa

Vimos em Lisboa os nossos assistentes:

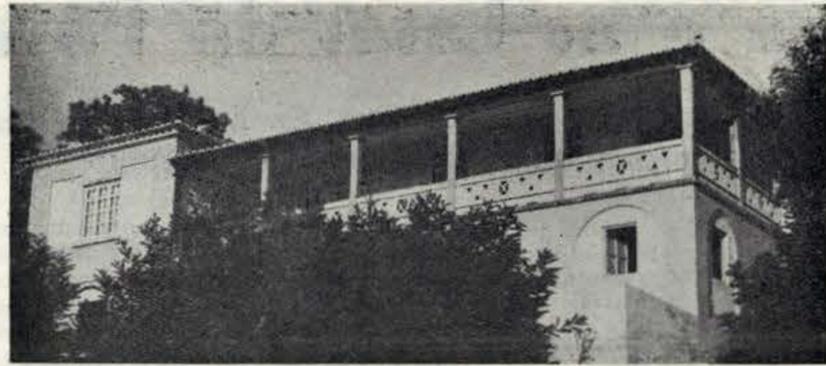
De *Beja*: José do Carmo Madeira Alho, e Afonso José das Fontes.

De *Évora*: José Carlos Abelha.

De *Colos*: Carlos Maia.

De *Serpa*: João Manuel Palma.

De *Abrantes*: José Francisco Serano.



A criação das duas entidades, «Junta Autónoma das Estradas e Conselho Superior de Turismo» vieram desenvolver em Portugal uma industria para a qual o nosso país tantas condições de vida tem. E' a industria do turismo. Assim, vemos que o Algarve, o Minho, Sintra, Estoril, Serras do Caramulo, da Estrela, de Ossa, e tantos outros sitios aprazíveis, são durante o ano visitados por milhares de pessoas, que levam dessas regiões as impressões mais agrada-

Não será a Serra de Portalegre digna de ser considerada uma das mais estupendas regiões de turismo do nosso país?

Sem dúvida que o é. Quiz a illustre redacção de *A Rabeca* dar-me o prazer de até lá me levar.

Eram duas horas da tarde quando o automóvel se pôs em marcha, conduzindo João Diogo Casaca, Luiz Gomes, Julio Fernandes e quem escreve estas linhas. Dia lindo de outono. Dia criador



veis e as propágam para que outros as visitem também.

Por isso se criaram ali comissões de Iniciativa e Turismo; por isso a Junta Autónoma das Estradas não descarta em ter caminhos, próprios para automóveis, sempre em bom estado de conservação.

Mas nem todas as regiões, apesar da sua beleza, tiveram a felicidade desses melhoramentos. Portalegre, por exemplo, com uma Serra soberba, só agora foi criada a Comissão de Iniciativa e só agora estão arranjando estradas na Serra que tão necessárias são.



e abençoado. Um dia de sol outonal, depois de um dia chuvoso, é um dia em que nos sentimos rejuvenescer. O carro subiu por uma estrada escalavrada hoje já reparada.

Mas, logo nos quedamos maravilhados quando chegamos ao *Vale da Ribeira de Seda*.

Que linda vertente!... Que riqueza e que magestade têm estes terrenos. Muitas casinhas brancas, talqualmente como casas de cartolina, destacam-se entre o verde dos olivais ou dos soutos de castanheiros. E o automóvel sobe sempre, serpenteando pela estrada. Julio Fernandes é um bellissimo cicerone nas cousas da sua terra. Ele não deixa escapar nada; tudo nos aponta, tudo nos explica. Aqui é o *Carvoeiro* e, depois de virarmos a uma grande curva, do lado direito, depáram-se-nos horizontes vastissimos de montanhas. Dá-nos a impressão que estamos na Serra de Chela, em Angola, nos Alpes ou nas serras da Suíça.

São as Serras de Alegrete, da Esperança e S. Mamede. Lá mais ao fundo numa cor mais esbatida, divisam-se as terras de Espanha.

Estamos já na freguesia do Reguengo.

Casas dispersas, emolduradas entre a estrada estar quasi immassiço de verdura. Mais uns metros percorridos e entramos na *Quinta das Vámos* até à Serra, pois o sol já *Lameira*, com o seu edificio solar declinando no poente. Depois de do século XVIII. Seguindo uma linha a *Carreira*, deixamos à direita que ali se encontra, este edificio na *Quinta do Leão*, continuando a construído no ano de 1783, por João da Silva pela estrada sempre esburacada. Fonseca Acciaioli Coutinho e D. M. uns 200 metros de transito, com a *Sergia Acciaioli de Sousa Taveira* inclinação de 25 por cento. Mas Estilo D. João V, possui uma capela encanto de caminho! Os soutos de com vários frescos, talhados a gesso castanheiros sucedem-se. E' uma mata à colher, representando algumas fadas — a da *Relva* — onde o sol mal da vida de Cristo, como: *A fuga psegue* penetrar. Depois, ao entrar — *o Egipto*; *Menino Jesus entre os reis* numa grande propriedade, Julio *Ferreiros*; *A caminho do Calvário*; *Jesús elucida*: «Eis aqui os *Cantarinhos* pregado na Cruz; *Nos braços de um*, quinta solaranga, cuja fundação, mãe, após a descida da cruz. Conta aos anos de 1580 a 1590». Con-

Ha nesta capela uma das mais belas, o solar referido mostra-nos as imagens que tenho visto: Nossa S. portas e janelas em estilo quinhora das *Dores*, com uma expressantista. Ali vimos, bem visível tamque nos comove mesmo sem querer, os indícios da época D. João I e, trabalho italiano — dizem — e a talha remota ainda, uma sala perfeita da sua vestimenta é dum primor arte gótica. Deu-nos que pensar o tico devéras interessante.

Visitamos a seguir a formosa *Quintana* de estilos. e ali admiramos, numa grande fonte general sr. Lacerda Machado desbelos e antiquissimos azulejos. Numa a *Quinta dos Cantarinhos* como outra, três grandes patos em grandada pelo castelhano D. João da Silservem de bicas, donde brota a jorra da ordem de Calatrava e Embaixa-

A SERRA PORTALEGRE e alguns dos chalets

água pura e cristalina: é a fonte de Filipe II, junto de D. Sebastião, Patos, cuja nascente já corre fama que casou em Portugal com D. Filipe, está oficialmente registada. Finalmente, a filha do terceiro Conde de Portalegre, o portão de entrada, bela obra regional este solar foi mais tarde, e por sucesso em ferro forjado, é igualmente digna, pertença dos duques de Lafões. Em de admiração.

Deixemos agora a *Quinta da Lameira*, de Joaquim Larcher; actualmente e, passando o *Alamão*, visitemos o sr. Fernando Martins da Costa. voado, séde da freguesia. Deu-nos fomos neste solar recebidos pelo sr. impressão de estarmos no barlavento de Augustus Mendes e sua esposa, algarvio. Tudo verdura, tudo árvores, cumularam os quatro *alpinistas* che e todas elas de abundantissimos e das maiores atenções e gentilezas. riados frutos. Frente à Igreja parquillo soberbo e altaneiro mirante avise-rgue-se imponentemente um plátano-se horizontes sem fim. Devemos esque os tempos levarão à mesma im- a cerca de mil metros de altitude. nencia da *Arvore do Rossio*, da lindado quanto dali se divisa são vastissicidade de Portalegre.

E' tão lindo tão aprazível, tão pontos pinhais, onde a vista se cança e tico o local que vamos percorrendo. que andamos mais de um quilometro



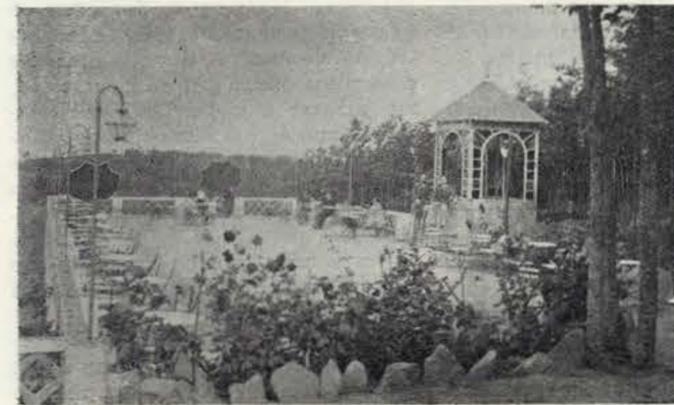
— Vamo-nos embora.

E partimos.

Chegados à *Quinta de Campos* e vista a *Quinta Branca* — que melhor seria chamarem-se as *Quintas das Hortenses* — abancámos, por fim, ao redor de uma toca mesa, sob uma grande ramada, onde petiscamos bela e saborosa linguça e

na montanha e marginada de sobreiros, azinheiras e castanheiros.

Portalegre, a velha *Amaia*, a cidade jardim, toda caiadilha de branco, estende-se no vale verdejante e dá-nos a impressão que a estamos vendo debruçados sobre uma grande bacia de água cristalina.



um magusto de castanhas, a fruta regional.

Quando descemos a Serra já Portalegre se encontrava envolta no manto negro da noite.

Mas não nos esquecemos de, lá de cima, da *Marrada Alta* que domina a cidade, vemos esta pela forma que o seu soberbo panorama mais originalidade nos oferece — uma ilha encantadora num mar imenso.

E' bem certo o velho rifão: *Querer é poder!* E aquele meu dedicado comprovinciano, na formidável obra que está produzindo lá no alto da Serra, justifica com a maior eloquência essa grande verdade.

Possuindo apenas alguns meios de fortuna, ele, multiplicando-os com uma grande quantidade de capital energia, e só com a sua energia contando vencer, ele, repetimos, lutando durante alguns anos por uma obra que idealizou, consegue ver enfim transformado em realidade esse seu sonho, que para a maioria dos homens não passaria de mera fantasia.

A obra que o meu prezado amigo, o alentejano dedicado Carvalho Serra tem realizado, além no alto da Serra, é uma coisa formidável. Subi lá. São apenas 850 metros por uma estrada aberta

E' uma cidade bela — Portalegre. Vista lá do alto da estrada, parece-nos uma cidade presépio.

Mas depois de percorrermos, sempre a subir, 4 quilómetros, depois de chegarmos a uma altitude de 850 metros, entramos na *Quinta da Saude*, cuja fama tem chegado já até Lisboa:

Eu julgava que a *Quinta da Saude* fosse apenas um grupo de casas térreas, alinhadas na Serra e onde o doente, ou melhor, o predisposto para a doença, fosse para ali viver uns meses em contacto com a montanha virgem.

Vi algumas casas em plena Serra da

(Continua na pág. 7)



A ROSEIRA

Sua origem e sua importância «ética e étnica»

XVI

A escolha das rosas apropriadas ao clima

Escolher rosas não é tão simples como imaginam muitos.

A confecção exterior, o perfume — esta alma da roseira — a constância do colorido, a constância da flôr, a duração, o porte, a produtividade, o poder regenerativo, a longevidade, a resistência da folhagem e da planta toda às moléstias cryptogâmicas são condições essenciais para que uma variedade seja considerada «boa». Uma determinada rosa poderá ser bonita, bela, belíssima mesmo e, apesar disso, não servir para o solo, clima ou lugar para os quais se quer destiná-la.

—É necessária grande experiência para decidir o valor, ou não valor, de determinada variedade em relação ao clima. Não há pois nada estranhável em que faltem aqui muitas rosas conhecidas. Não pretendemos que as variedades citadas a seguir sejam as mais bonitas, mas podemos afirmar que muitas delas se contam entre as *rosas mais bonitas*.

Rosas brancas

Se a popularidade e a difusão obtidas por uma certa rosa constituem critério idóneo para se avaliar o valor da mesma, a «Druschki» (Frau Karl), ou «rainha da neve» não tem rival. Ela é, de facto, a rainha das rosas brancas. Suas flores são tão brancas que excedem a imaculada alvura da neve recém-caída e possuem dimensões realmente extraordinárias. As pétalas concheadas são tão grandes e inclinam-se para dentro, de tal modo que mesmo a flôr completamente desabrochada é um modelo de beleza. A firmeza dos tecidos confere às poucas pétalas alguma coisa de substancial, que harmoniza muito bem com o tamanho e a admirável forma das flores, que parecem esculpidas em mármore de Carrara. A estas preciosas qualidades da flôr, junta-se ainda outra de que são possuidores os seus longos botões, e que consiste na sua longevidade que facilita o transporte a grandes

Pelo Professor S. Decker

distâncias. Os mesmos abrem dentro de água tão bem como na própria planta. A folhagem é exuberante, verde lustrosa e quasi coriácea, sofrendo pouco por parte do mildio. O crescimento é tão vigoroso, que os ramos abrangem o comprimento de dois metros e mais! A formação do lenho faz-se naturalmente, em detrimento das flôres. Para obviar esse inconveniente convem curvar os respectivos ramos para baixo, de modo tal que formem um arco fixado ao próprio tronco da roseira. As gemas situadas neste arco desenvolver-se-ão em brotos coroados de flôres perfeitíssimas. Em vista de variedades tão vigorosas levarem a desordem a uma plantação de roseiras compostas de variedades de crescimentos diferentes é absolutamente necessário plantar a «Druschki» em conjunto com a «Sachsengruss» e «Magna Chartra», a «Madame Jules Graveraux» e «W. C. Smith». Os únicos defeitos desta variedade maravilhosa são a falta de perfume das flôres e uma grande sensibilidade à transplantação, quando a roseira já está relativamente velha.

Numerosas são as «Druschkis» melhoradas. Mas não há uma única que a iguale em graça. Nem mesmo a outrora célebre «Condeur Lyonaise» (H. R.), uma «Druschki» bem dobrada, que foi, por sua vez, suplantada pela variedade «Ethel» (H. C.). Trata-se de uma rosa de vigoroso crescimento e de grandes flôres bem dobradas, de cor branco-crème que abrem perfeitamente dentro de água. Flôres enormes e de grande beleza produz a variedade «Msr. Charles Lamplough» (H. Ch.), que merece plenamente as distinções que conquistou no mundo inteiro. Queremos mencionar ainda a «Pio X» uma das mais recentes obtensões, de crescimento vigoroso, folhagem coréacea e bem sadia, e de uma verdadeira abundância na produção de suas lindas flores longipeciouladas, dum bonito branco leite.

A velha «Mamã Cochet Branca», de botões particularmente longos, seria uma excelente variedade para a cultura hibernal, se não fôsse sujeita ao mildio e se não existissem as variedades supra-mencionadas.

Cotações oficiais

Foram as seguintes as cotações efectuadas na sessão de 14 de Março, na Bolsa de Mercadorias de Lisboa:

Milho branco e amarelo médio, 1\$15 e 1\$07, só vendedor.

Aveia, comprador, \$73. Centeio, vendedor \$95.

Azeite de oliveira puro, efectuada 686\$00, os 100 quilos.

Arroz nacional, extra: branco 2\$35; glaceado 2\$45; matisado 2\$40; descascado: matisado M, 2\$33; 1.º branco A, 2\$30; 2.º branco AA, 2\$20; 3.º branco AAA, 1\$95.

Na sessão do dia 16 efectuaram-se:

Aveia, \$74 e \$75. Fava ratinha 1\$04 o k. Palha de trigo os 1.00 k. 170\$00. Azeite de oliveira fino, 100 k. 686\$00.

O centeio de Angola foi vendido a \$30, \$40. Arroz descascado da Guiné a 1\$05 e 1\$20 o k.

Uma reunião de Productores

No dia 19, efectuou-se nas salas da Associação da Agricultura Portuguesa, uma reunião a convite da F. N. P. T., em que assistiram numerosos delegados de muitos concelhos, onde foi apreciado o recente decreto sobre trigos.

Estas observações applicam-se também à «White Killarney» (H. C.), com grandes reservas. Há outras variedades, de tipo inteiramente diverso, que julgamos mais recomendáveis, como, por exemplo, «Louse Cretté», cujas flores alcançam um diâmetro de 18 cms. De inexcitável beleza são as flores da «Imperatriz Augusta Vitória» (H. C.), cujo colorido creme se torna às vezes relativamente escuro, conduzindo então às rosas amareladas. O único defeito desta variedade é o crescimento antes fraco do que regular, mas apesar disso, merece um lugar de destaque em todos os jardins. Extremamente vigorosa e florífera é a «W. C. Smith» (C.) cujas grandes e bem dobradas flores brancas se apresentam matizadas de rosa pêscoço e amarelo damasco. As flores aparecem em número variável sobre hastes bem compridas que são como também as folhas, purpúreo — enegrecidas, emquanto ainda novas. A sua resistência ao mildio é extraordinária. O seu colorido conduz muito naturalmente ao grupo seguinte.

A SERRA DE PORTALEGRE O Mel

(Continuação da pág. 5)

Estrela, sordidas em demasia. Até me apontaram um rochedo, onde um médico célebre viveu e se curou da terrível doença.

Mas não. Este bocado da Serra de Portalegre a que me estou referindo e que ainda há pouco mas de 12 anos era virgem e consequentemente selvagem, é hoje um autêntico *Eden*; tudo quanto uma civilização exige ali se encontra. As casas não são de telha vã e por rebocar, como eu vi na Serra da Estrela.

São os lindos chalets, todos estucados, não se usa ali iluminação de azeite; consome-se electricidade; e a Serra, esta Serra que se toda fosse beneficiada com estes 130 hectares, seria um dos recintos mais dignos de admirar-se da Península; esta Serra outrora batida pelos lobos, mercê de esforço formidável de um homem, já pode falar directamente, não só para Portalegre que a mesma Serra protege, mas com Portugal, com o mundo inteiro.

Abençoado esforço.

Eram 5 horas da tarde, quando chegamos à Quinta da Saude. O sr. João de Carvalho Serra, acompanhado por seu filho, estudante da Escola Médica de Lisboa, esperava-nos e recebeu-nos com aquela hospitalidade tão própria dos alentejanos. E depois começamos a percorrer a Quinta. Mas, senhores, o que admirar mais aqui? Este conjunto de belezas que um cérebro concebeu ou o entusiasmo de um homem, alma sonhadora, coração amantíssimo da terra que lhe foi berço, e que a uma obra, mas a uma grande obra, tem dedicado toda a sua vida?

O sr. Carvalho Serra — aos seus filhos juntou mais uma filha. A todos dedica o mesmo carinho. A um filho, deu-lhe a carreira de médico a outro, a de agricultor: a essa sua filha adoptiva, que ele adora tanto como aos filhos próprios, civilizou-a, deu-lhe tudo para o tornar atraente, para a tornar bela entre as mais belas, para fazer dela uma pérola que todos desejassem. Essa filha adoptiva, é a Quinta da Saude. E' esta maravilha que se encontra lá no alto, a espreitar constantemente Portalegre.

Aquela esplanada últimamente ahi construída e que se debruça sobre um grande vale, donde se avista quasi todo o Alentejo e a Beira, pode considerar-se um local dos mais belos que existe no país. Depois embrenhamo-nos na mata compacta de castanheiros bravos. Deu-me a impressão que havíamos entrado na região de cacauzeiros em Tomé.

Já então o sol baixo, batendo nas folhas amarellecidas deste compacto arvoredor, espira sobre nós como se fossem pedacinhos de ouro.

Todos os caminhos muito limpos, muito bem arrançados. Toda a Quinta tem já uma grande rede de estradas, todas elas delineadas pelo estimado proprietário deste *Eden*.

Entre o verde compacto, isto é, no meio das florestas de castanheiros e pinheiros, encontram-se chalets. Estes são para duas famílias, com todas as comodidades exigidas pela civilização. *Coile de tennis*, balouços para crianças; enfim tudo quanto um estabelecimento deste género pode exigir, ali se encontra.

Bancos toscos encontra-se espalha-

dos por toda a Quinta, onde o sol nunca consegue penetrar.

Levaram-nos à *Marrada Alta*. E' o local mais alto da Quinta. Dali se disfrutam horizontes infindos: Marvão parece que se encontra a distancia de um tiro de espingarda. Não se vê, porém, a Espanha, apesar de se encontrar bem próxima. E, que a Quinta da Saude está defendida dos ventos suões pelo mórro que além se ergue imponentemente. E' o Pico de S. Mamede, a 1325 metros de altitude.

E' pois digno do maior registo e louvor a obra de Carvalho Serra, esse alentejano que, se tivesse nascido num berço de ouro, se tivesse capital bastante à sua disposição, teria feito de todo o Alentejo uma das regiões mais lindas do Mundo.

A obra que ele produziu e pretende aumentar lá em cima, na Serra, para onde levou a civilização da cidade, a luz, os telefones, a rádio-telefonía, etc., é uma daquelas obras que não honram só os seus executores, honram também uma região, honram todo o país.

PEDRO MURALHA

Gremio dos Proprietarios de Máquinas de Debulha à Máquina, do distrito de Portalegre

(em organização)

(CONVOCATORIA)

Um grupo de proprietários de máquinas de debulha e enfardamento do Distrito de Portalegre, em aditamento às conversações havidas entre alguns dos mesmos proprietários, Ex.^{mos} Governador Civil e Ex.^{mo} Delegado do Instituto Nacional do Trabalho do Distrito, vêm por este meio convidar V. Ex.^{cia} para assistir a uma reunião a realizar no dia 27 de Março corrente pelas 14 horas, nas salas do Governador Civil em Portalegre, a fim de nessa reunião serem tratados vários assuntos referentes à constituição e organização do Grémio Distrital dos Proprietários de Máquinas de Debulha e Enfardamento à Maquia do Distrito de Portalegre.

Elvas, 14 de Março de 1935.

Manuel Rodrigues Carpinteiro.

José Francisco Serrano.

Manuel Rodrigues Carvalho.

(Advogado aessor)

Reclamação justissima

Foi entregue ao sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações o projecto de ampliação, captação e rede de distribuição de água na cidade de Beja, cujas obras estão orçamentadas em 625.850\$00.

Sua aplicação na docearia caseira

(Do Posto Central de Fomento Agricola)

Bolos de amendoa

Leite	5 dec.
Assucar	100 grs.
Mel	120 "
Amendoas cortadas.....	120 "
Ovos	2 "
Farinha	9 "

Dissolver o assucar no leite perfumado de baunilha. Juntar o mel, fazer ferver e escumar. Quando o liquido estiver tépido, retirar a baunilha, juntar os ovos batidos, as amendoas cortadas, e um pouco de farinha, mexendo continuamente até que a massa fique suficientemente espessa. Colocar a massa em forma untada de manteiga e levar ao forno a coser.

Bolo dos apicultores

Pão duro 150 a 200 gramas; Leite 5 decilitros; Mel q. b.; Passas q. b.; ovos 1; Rum uma colher.

Colocar numa vasilha o pão duro cortado em fatias finas, deitar por cima o leite a ferver, adoçado com mel. Deixar repousar um quarto de hora. Esmagar em seguida com um garfo, de maneira a fazer uma pasta, juntar às passas um ovo batido como para uma omelete, e uma colher de rum. Misturar tudo. Deitar numa forma, na qual estará preparado um caramelo, e coser no forno. Quando o bolo estiver cosido, tirá-lo para um prato e servir quente ou frio.

Bolo d'Auvergne

Descascar as castanhas e cosê-las em leite aromatizado com baunilha e flor de laranjeira. Passar numa peneira e a esta papa, a quinta parte do seu peso de mel. Bater fortemente, amassar, rolar em bola e fazer dourar no forno durante 10 minutos.

Bolo de avelãs

Avelãs 100 gramas; Mel 300 gramas; Ovos 6 gramas; Farinhas 100 gramas.

Juntar às avelãs bem limpas e trituradas o mel, os ovos, dos quais se batem as claras em neve e a farinha. Misturar primeiro as gemas dos ovos com mel, até que o todo seja homogêneo. Juntar pouco a pouco, mechendo sempre a farinha, depois as avelãs e por último as claras batidas em neve. Untar a forma com manteiga, colocar a massa a coser durante uma hora.

Bolo de casados

Mel litro e meio; azeite 4 decilitros; canela e cravo de cabecinha quantidade bastante; Fermento quantidade bastante, rotação quantidade bastante; ovos (pode deitar-se alguns).

Bolo do Ceu

Amendoas raladas 120 gramas; mel 500 gramas; manteiga uma colher das de sopa; Farinha de trigo uma colher das de sopa; ovos: gemas 10; claras 2; limão (casca ralada) um pouco.

Fervem-se juntamente o mel, manteiga e farinha. Deixa-se arrefecer e adiciona-se as gemas, as claras e o limão. Bate-se tudo, deita-se em forma bem untada com manteiga e vai ao forno a coser.

Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo Professor S. Decker

Asparago—de Argenteuil (10-3).

Sementes—pêso por litro, 800 grs., 1 grama contem 50 sementes; *longevidade*, 5 anos; *tempo de germinação*, 15-30 dias; *precisam-se* 5 gramas de sementes para obter as mudas necessárias para a plantação de 1 âre; *semear* de preferência de Outubro até Novembro, em solo poroso, mas fértil, fresco e protegido contra os ventos frios. Deitar as sementes em regos de 1 cm. de profundidade distanciados de 20 chs.; desbastar mais tarde a 10 cms. Cuidar das limpas, efectuando as capinas superficial mas frequentemente. Regar copiosamente conforme as necessidades. A transplantação para o lugar definitivo se fará na primavera seguinte. A preparação do quadro devendo receber as mudas faz-se no outono anterior; surribar a terra pelo menos 50 cms.

Incorporar ao solo, nesta ocasião, e por área, 500-600 quilogramas de estrume de vaca bem curtido ou 400 quilogramas de estrume de cavalo. Note-se que o estrume fresco causaria a podridão dos rhizomas. E' esta adubação fundamental, seguida anualmente de uma adubação complementar, que consiste na incorporação de 30 quilogramas de estrume de vaca, curtido em cada primavera. Esta estrumação periódica alternará a partir do 3.º ou 4.º ano e uma vez sobre duas vezes com uma adubação química consistindo em 1 grama de cloreto de potássio, 1 grama de sulfato de amónio, e 3 gramas de superfosfato, completada depois da colheita anual por 2 quilogramas de salitre do Chile. A *plantação* faz-se em regos de 15 a 20 cms. de profundidade distanciados de 1 metro. Para isso, estende-se um cordão a 50 cms. do bordo do canteiro e um segundo a 40 cms. do primeiro. Traça-se depois no meio dos dois cordões um rego de 15 até 20 cms. de profundidade, amontoando a terra dos dois lados, de forma que se formam duas leiras que acompanham o sulco. Transporta-se então o primeiro cordão a 40 cms. do segundo (colocado em novo lugar). Abre-se então o segundo rego e assim por diante amontoando a terra regeitada sempre á -se o lugar dos rhizomas, por meio de varas. As plantas devem ser dispostas em quinconcio e separadas

por intervalos de 1 metro. Em cada lugar marcado no fundo dos regos, abre-se uma cova de 10 até 15 cms. de profundidade enchendo-a com terriço e deixando porém um pequeno espaço livre em forma de bacia. Aparam-se as raízes das mudas, deixando-lhes apenas o comprimento de 15 até 20 cms. e colocam-se os rhizomas sobre pequenos montículos de terra formados ao redor das varas que ficam no seu lugar. As próprias raízes serão igualmente distribuídas sobre toda a declividade nos montículos. Enche-se o espaço livre com terra rica, firma-se e cobre-se a mesma com terra adubada, numa espessura de 5 a 8 centímetros.

Uma estrada necessária

A comissão administrativa da Camara Municipal de Mertola enviou ao Ministério das Obras Públicas e Comunicações um projecto de construção de estrada entre Namorados-Herdade e S. Sebastião dos Carros, numa extensão de 8.484 metros.

Aquele Município solicita a concessão de um subsídio pela Repartição de Melhoramentos Rurais, visto que o custo da mesma estrada orçamentado em 519.214\$004, excede as suas possibilidades financeiras.

Sendo o concelho um dos maiores do Paiz, em área e dos mais produtores de trigo, gados e minério, a sua principal necessidade — afirma — está no estabelecimento de comunicações, cujas obras contribuíram para atenuar a crise de trabalho, por dar que fazer a muitos operários que se encontram sem colocação.

Alguns lavradores e proprietários da região estão dispostos a prestar auxílio financeiro á realização de tão importante melhoramento.

Companhia de Seguros A PATRIA

Recebemos desta Companhia de Seguros Alentejana o seu relatório referente ao ano de 1934, que é um valioso documento e que muito honra o seu Conselho de Administração, srs. Alfredo Augusto Cunhal, José Celestino R. Formosinho, e Francisco de Brito C. Vaz Coelho.

Por este relatório vemos que o seu saldo de ganhos e perdas é de 113.644\$59, assim aplicado, dividendo de 15 por cento, livre de imposto 75.000\$00, imposto sobre aplicação de capitais 8.344\$00, 15 por cento conforme o artigo 42.º n.º 2 dos seus Estatutos 5.666\$70.

Saldo livre: 24.643\$89.

EM BEJA:

Feira de Maio

Lemos no Diário do Alentejo:

Na Camara Municipal e a convite do seu Presidente, reuniram ontem á noite na sala das sessões, diversas individualidades, afim de se assentar nas festas a realizar para a próxima feira da primavera.

Ficou resolvido em princípio:

Domingo — primeiro dia de feira — iluminação e ornamentação de montras. **Segunda-feira** — Cortejo de carros alegóricos e representativos do comércio, indústria, agricultura, etc., carros e alfaias agrícolas e ranchos regionais.

Possivelmente um avião voará sobre a cidade nesse dia. Iluminação e ornamentação de montras e ornamentação de janelas. Fogo de artifício.

Terça-feira — dia 7 — Desafio de foot-ball entre o «team» do conhecido Club Desportivo do paiz visinho, que já o ano passado nos visitou, *Sevilha Foot-ball Club*, com o grupo representativo de Beja.

Este club é dos melhores de Espanha, de que fazem parte jogadores de fama mundial, entre os quais Campanal, que possivelmente virá a Beja.

A vinda do referido «team» está dependente das negociações que para esse efeito vão ser entabuladas.

No dia 7 haverá também iluminação de montras e possivelmente de janelas.

Os comerciantes que fizerem exposições nas suas montras terão uma redução no custo da energia eléctrica que consumirem.

A feira será iluminada artística e profusamente e as barracas que se distinguirem pela sua apresentação estética gozarão de certos benefícios.

Com a feira coincidirão as festas escolares que devem realizar-se na primeira semana de Maio, o que será mais um motivo de atracção.

Tudo se prepara para que a feira da primavera se imponha pela sua garridice, dispondo agradavelmente quem venha a Beja por essa ocasião.

Oxalá o tempo não prejudique a feira e festas como tem acontecido em dois anos seguidos com a que se realizava em Abril, que por esse motivo foi transferida para Maio.

A exposição de pecuaria em que se pensava teve que ser posta de parte, em virtude do Ministério da Agricultura ter resolvido que no Alentejo se realize em cada ano uma exposição para toda a provincia, devendo a deste ano realizar-se em Evora, em 1936 em Beja e em 1937 em Portalegre.

Este número tem, portanto, que ficar adiado para o próximo ano.

Aos nossos assinantes

Prevenimos que mandamos pela segunda vez á cobrança os recibos por liquidar dos concelhos de Fronteira e Aljustrel assim como das seguintes freguesias:

S. Luiz, Santa Luzia, S. Teotónio, Cabeça Gorda, Quintas, Brenigel, Albernoa, Conceição Fura Matos Novo, Ervidel, Montes Velhos e Cercal do Alentejo.

Afim de os nossos assinantes não sofrerem interrupção pedimos que satisfaça os seus recibos.

VEEDOL

EXPERIMENTE

ESTES

DIFERENTES

OLEOS

100%

PENNSYLVANIA

LUBRIFICANTES

Distribuidores exclusivos em Portugal:

VEROIL

COMPANHIA IMPORTADORA DE OLEOS

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 94 — Telef. 2 8023/4

AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAIZ